

Senhor Professor Doutor Paulo Speller, em representação do senhor
Ministro da Educação da República Federativa do Brasil
Senhor Reitor da Universidade Federal de Uberlândia
Senhor Secretário de Estado dos Negócios Estrangeiros e da Cooperação
Caros colegas Reitores, Vice-Reitores, Pró-Reitores e
outros representantes de Universidades Brasileiras
Senhor Presidente da Comissão Nacional da UNESCO
Senhor Presidente do ICOMOS Portugal
Senhores membros do Conselho Executivo do *Coimbra Group* (Grupo de
Coimbra de Universidades Europeias)
Senhor Presidente da Direcção-Geral da AAC
Digníssimas Autoridades
Senhores Professores, caros estudantes, senhores funcionários
Minhas Senhoras e meus Senhores

Na longa história da Universidade de Coimbra, não terão sido muitas as ocasiões em que tivemos o privilégio e a honra de receber um tão importante número de Reitores de Universidades estrangeiras. Digo estrangeiras, porque o são no plano formal, mas logo me soam estranhas as minhas próprias palavras. E o que nos traz aqui hoje é, justamente, a consagração de um percurso que nos faz ser próximos, mesmo estando distantes, e que não autoriza que nos sintamos estranhos, mesmo sendo estrangeiros.

Mandam as regras estritas do protocolo desta sessão que a minha fala não ultrapasse os quinze minutos. Não precisaria de tanto, porque o que venho dizer se afirma, por si só, sem grandes justificações, pois transporta a força irresistível do que, literalmente, já é.

Tenho a certeza de poder falar em nome de todos os Reitores presentes, ao dizer, socorrendo-me da elegante formulação de Lúcio Costa, tornada clássica como apresentação de qualquer coisa que, por ser hoje evidente, parece ter sido fácil, que apenas nos desenvencilhamos de uma ideia que não procurámos, antes se nos apresentou, por assim dizer, já pronta. Vários séculos de trabalho comum tornaram natural este desfecho.

Gravada em pedra no Museu Histórico de Brasília, na Praça dos Três Poderes, em pleno coração político da cidade e do País, pode ler-se numa frase bem representativa do espírito precursor do Tiradentes, 1789, cito, “Que a capital se havia de mudar para São João del-Rei, por ser aquela Vila mais bem situada e farta de mantimentos; e que nesta se haviam de abrir estudos como em Coimbra, em que também se aprendessem Leis”.

José Bonifácio de Andrada e Silva, graduado em Filosofia Natural e em Leis pela Universidade de Coimbra e primeiro lente de Metalurgia desta Universidade, igualmente defendeu a criação de uma Universidade brasileira, optando pela sua instalação em S. Paulo e preconizando em numerosos documentos que haveria de sistematizar numa proposta que apresentou à Assembleia Constituinte em 1823, uma organização em torno de Faculdades e serviços idênticos aos que existiam, à época, em Coimbra. Faremos amanhã uma evocação deste nosso antepassado comum.

Já antes, a Escola Médica da Bahía, criada por Decreto-Régio de D. João VI, datado de 1808, um mês apenas após a sua chegada a Salvador, teve como primeiros Mestres três médicos formados por Coimbra, o mesmo sucedendo mais tarde, no plano dos estudos jurídicos, com os primeiros cursos brasileiros, criados em Olinda e S. Paulo por Lei da Assembleia Legislativa do Império de 1827.

Dignos de comovente referência para todos os universitários de Coimbra, são, entre muitos outros, também a citação arquitectónica do pórtico central da Via Latina, construído em S. Luís do Maranhão, ou as “Repúblicas” de estudantes de Ouro Preto que replicam a experiência vivencial muito característica da Academia coimbrã, ou ainda as réplicas da nossa “Cabra”, que se encontram junto à entrada da Reitoria da Universidade de S. Paulo e no centro do campus da Universidade Federal de S. Carlos.

Desta mesma “Cabra” que comanda o ritmo da vida universitária e se prepara, agora mesmo, para saudar os colegas brasileiros com um “Toque a Capelo”, em ocasião que pacientemente aguardou durante mais de duzentos anos.

É esta ligação umbilical que levou os Reitores de treze Universidades brasileiras, reunidos em S. Paulo a 24 de Abril de 1952, a assinar uma declaração na qual se pode ler:

Nós, Reitores das Universidades Brasileiras, reunidos em S. Paulo para estudar o projecto de bases e directrizes da Educação Nacional, saudamos reverentemente a Universidade de Coimbra, Alma Mater do Ensino Superior do Brasil.

Como não ficar sensibilizado com esta prova de afeição e de confiança?

Inúmeros episódios da secular história de Coimbra e da sua Universidade se cruzam com o desenvolvimento, emancipação e progresso do Brasil e são por sua vez claramente influenciados pela intervenção de homens e mulheres brasileiros e pela cultura brasileira. O nosso imaginário colectivo tem um recanto comum. Homens e mulheres a tecer destinos, portugueses e brasileiros em andanças e desandanças da vida, hoje decantadas em História, em memória e em lenda. De certa forma, a Universidade que represento não é só de Coimbra, nem apenas de Portugal. É a Universidade de todos os que se sentem irmanados por esta nossa língua, é a matriz sobre a qual se desenvolvem as várias culturas que falam português, é a nascente

primeira em cuja corrente se incorporam, em percursos mutuamente enriquecedores, e da qual bifurcam, as formas diversas de expressão cultural que hoje compõem o espaço da lusofonia. Esta é, justamente, a ideia central do projecto de candidatura da Universidade de Coimbra a património da Humanidade, para cuja apresentação eu peço o apoio das Universidades brasileiras.

Bahía ou S. Paulo, Olinda ou S. João Del-Rei, estamos hoje muito longe do grito de emancipação do herói da Inconfidência Mineira ou do gesto de intencional arquitectura política do Patriarca da Independência. Mas não pode, ainda assim, deixar de se encontrar um certo ar de família, um certo nexos de causalidade entre a acção determinante que as elites culturais brasileiras formadas em Coimbra até meados do século XIX tiveram no processo de emancipação e independência do Brasil, e a vontade que hoje manifestam as melhores Universidades brasileiras em se associar num Grupo que procura a companhia e o nome de Coimbra para projectar no futuro a riquíssima dinâmica deste passado comum.

Como que selando esta cumplicidade histórica, fechamos hoje um ciclo, ao cumprir os desígnios e ao concretizar as promessas esboçadas pelos nossos precursores. Devemos estar orgulhosos com este “encontro das águas”. Mas todos sabemos que se for só isso, o que aqui fazemos hoje não será suficiente.

A julgar pelo que ficou para trás, as páginas do livro que conta esta História comum são verdadeiramente fascinantes. Mas porque a ninguém mais

senão a nós é dado viver este nosso tempo, está agora, sobre os nossos ombros, a responsabilidade de preencher as páginas ainda em branco, acrescentando mais alguns capítulos que não desmereçam os anteriores.

Desde a mobilidade estudantil, entendida no sentido clássico de uma estadia limitada em outra Universidade ou de forma mais ambiciosa, no âmbito da preparação de diplomas sandwich ou de duplas titulações, passando pela realização de projectos de investigação conjuntos, envolvendo empresas com interesses dos dois lados do Atlântico, pela troca de experiências e de resultados em actividades de prestação de serviços, de empreendedorismo e de inovação, pelo desenvolvimento de sistemas de gestão da qualidade em todas as áreas de intervenção universitária, pela disseminação das melhores práticas em matéria de autonomia responsável, da avaliação de cursos e de instituições, não existe, virtualmente, nenhum ponto da actual agenda universitária para cuja concretização eficaz não possa contribuir a aproximação de pontos de vista e a reflexão comum sobre estratégias e prioridades que a existência do Grupo de Coimbra de Universidades brasileiras proporciona.

Demais, trazendo cada um de nós a experiência e os contactos que detemos como participantes de outros grupos, estamos a alargar o nosso universo de informação e de interacção e estamos a agilizar os contactos que tanto a Europa como o Brasil decidiram considerar estratégicos. A este propósito saúdo a presença da Direcção do *Coimbra Group* com quem vamos ter já amanhã, sem perda de tempo, uma primeira reunião de trabalho.

Muito embora apenas como observador externo, não posso igualmente deixar de supor, que o Grupo de Coimbra de Universidades brasileiras, agrupando as melhores Universidades dos vários sub-sistemas do País (Federais, Estaduais e Confessionais), tem condições para poder vir a representar a entidade de contacto e de interacção para a reflexão partilhada e o desenvolvimento de projectos de comum interesse, que até agora não tem existido entre todas elas.

Quero deixar uma palavra de apreço pela atenção do Ministro da Educação do Brasil, Fernando Hadad, em fazer-se representar, na impossibilidade de estar presente, pelo nosso ex e futuro colega, Doutor Paulo Speller e de profundo agradecimento ao Reitor da Universidade Federal de Uberlândia, Doutor Arquimedes Ciloni, pelo seu empenho pessoal e dedicação à causa da constituição do Grupo de Coimbra de Universidades Brasileiras, agradecendo aos dois, queridos colegas e amigos, as palavras que acabam de proferir. Quero envolver neste abraço de fraterno e humilde reconhecimento, todos os Reitores, Vice-Reitores e demais representantes das Universidades brasileiras que quiseram associar-se neste grupo, como membros fundadores. Do lado da Universidade de Coimbra, não posso deixar de agradecer a ajuda fundamental da Senhora e do Senhor Vice-Reitores, Doutores António Avelãs Nunes e Cristina Robalo Cordeiro. Encontrem todos os outros, nesta sempre incompleta, e por isso injusta, referência a apenas alguns, a palavra de profundo agradecimento da Universidade de Coimbra e do seu Reitor.

Minhas Senhoras e meus Senhores

Há exactamente duzentos e um anos, a 27 de Novembro de 1807, ao fim da manhã, o Príncipe Regente embarcava em Lisboa, com toda a família real, levando consigo um séquito de entre 10 e 15 000 pessoas, toneladas de bagagens de valor incalculável, incluindo o recheio completo dos Palácios de Mafra e de Queluz, o tesouro real correspondente a metade da moeda em circulação no País e uma enorme quantidade de diamantes do Brasil, que assim voltavam inesperadamente à origem – o seu a seu dono.

Por caprichos do vento, apenas dois dias depois os cerca de quarenta navios levantavam âncora e atravessavam, a custo, a barra do Tejo, na véspera da chegada das primeiras tropas francesas, que ainda conseguiram afundar, da fortaleza de Belém, um retardatário navio mercante. Magra recompensa pela qual Junot havia de pagar caro.

No final das comemorações do segundo centenário dos acontecimentos que haviam de mudar para sempre a História de Portugal e do Brasil, em que pela primeira e única vez uma corte europeia se muda para o Novo Mundo, o que nos impressiona e orgulha, é o fantástico percurso que puderam fazer desde então as nossas Universidades; é a vontade que mantemos de reforçar a sua posição no mundo; é a consciência da ajuda que mutuamente nos podemos proporcionar, acrescentando em cada dia, um pouco mais aos ensinamentos e realizações dos gigantes que nos precederam.

Hoje, as invasões mais perigosas não se fazem com soldados, nem as fugas mais importantes são as de reis ou de príncipes. O poder reside menos nas armas do que no conhecimento; a riqueza e o bem-estar das nações e dos povos, depende menos do castelo do que da Universidade. É, por isso, gratificante, terem decidido voltar hoje à origem – o seu a seu dono – embora só por breves mas para nós inesquecíveis momentos, os diamantes que esta Universidade andou espalhando pelo mundo, os representantes e descendentes dos homens e das mulheres que formou e que preparou para a vida, nas pessoas dos actuais reitores das melhores Universidades Brasileiras.

Pergunto-me o que pensaria José Bonifácio se, de regresso a esta Sala que bem conheceu, pudesse presenciar o que aqui decorreu hoje. Sem encontrar resposta segura – porque é tão difícil re-interpretar a História – tenho a convicção que ele entenderia, pelo menos, a nossa intenção e a nossa vontade de procurar ser dignos dos seus sonhos e das suas ilusões.

Um dia, quando alguém falar da cerimónia em que foi formalizada a constituição do Grupo de Coimbra de Universidades Brasileiras, nós poderemos dizer com orgulho: eu estava lá.

Paço das Escolas, 27 de Novembro de 2008

Fernando Seabra Santos

Reitor da Universidade de Coimbra